

DO VER AO COMPREENDER AS GRAVURAS “FUSIFORMES” DO VALE DO SABOR

PEDRO XAVIER^{1,2}, ARACELI CRISTO ROPERO²,
JOSÉ MACIEL², SOFIA SOARES DE FIGUEIREDO^{1,2}

¹ UAUM, Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Portugal. CITCEM,
Centro de Investigação Transdisciplinar.

² ACE, Bento Pedroso Construções e Lena Engenharia – Estaleiro do Baixo Sabor,
Lugar da Póvoa – 5160 – 021 Póvoa, Adeganha, Portugal.

RESUMO

O presente artigo visa ser um primeiro ensaio, ainda que nesta fase sobretudo de carácter divulgativo, de alguns dos trabalhos desenvolvidos no estudo da Arte Rupestre levado a cabo no âmbito e na área de afectação do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (AHBS). Neste sentido, procuramos incidir particularmente num tipo de gravuras específicas a que se convencionou denominar de “gravuras fusiformes” e sob os suportes rochosos que tem nestas a sua principal modalidade de representação. Apresentaremos assim as suas principais características, entre as quais os motivos que os conformam, as suas associações com outras técnicas, a sua distribuição ao longo do vale, os resultados das sondagens diagnóstico realizadas, entre outros aspectos. As conclusões expostas são necessariamente sumárias e preliminares, uma vez que os estudos estão ainda em pleno desenvolvimento, guardandose para um futuro próximo a apresentação de dados mais seguros e definitivos.

1. INTRODUÇÃO E APRESENTAÇÃO DA ÁREA GEOGRÁFICA DO ESTUDO.

A área geográfica do estudo de Arte Rupestre compreende o território de afectação da empreitada do AHBS, cujo início remonta ao ano de 2008. Com uma extensão de albufeira a rondar os 60 km, o AHBS, é limitado, a Norte, pelos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Mogadouro e, a Sul, pelo concelho de Torre de Moncorvo.

Este empreendimento levou à implementação de um Plano de Salvaguarda do Património (PSP), tendo sido constituídas diferentes equipas de salvamento e investigação adstritas a vários períodos cronológicos, áreas geográficas ou materialidades. Neste âmbito é de destacar, a integração, pela primeira vez, de um estudo específico para a Arte Rupestre, correspondendo aliás, ao único dedicado a uma materialidade, e não a um espaço geográfico ou período cronológico particular.

O artigo que aqui apresentamos é consequência directa desse estudo e dos elementos patrimoniais identificados, ainda que direccionado a um tipo de gravuras específicas, conhecidas, entre outras designações, como “fusiformes”. Uma pequena nota para realçar que os sítios/locais abaixo tratados se reportarão, sobretudo, às rochas gravadas cujos fusiformes consistem a principal modalidade de representação presente, dado que estes marcam presença, de modo mais residual e pontual, noutros suportes dominados por outras técnicas ou por outras temáticas.

Antes porém de nos debruçarmos directamente sobre as gravuras, pretendemos traçar um breve retrato geomorfológico e litológico da região de Trás-os-Montes Oriental.

Em termos físicos, a região transmontana é uma zona detentora de uma

substancial altitude média, configurado pelo encadeamento de um conjunto de planaltos, cujas altitudes rondam os 700 metros. Com traços topográficos idênticos se caracterizam as montanhas que encimam estes planaltos e onde abaixo de “desenham” fundos vales formados por rios ou por depressões tectónicas.

A litologia do Nordeste Transmontano é composta por formações xistosas e de xistos/quartzitos, ainda que as manchas graníticas ocupem, por vezes, territórios significativos. As acumulações sedimentosas verificadas durante o Paleozóico (Precâmbrico/Câmbrico) conduziram à formação de xistos e rochas afins que durante a Orogenia Hercínica foram instruídos e metamorfizados por granitos, desenvolvendo-se através de extensos afloramentos (Alencão *et al.* 2005:48). O Rio Sabor tem o seu início na serra de Parada, em Espanha, a aproximadamente 1600 metros de altitude, desenvolvendo-se, *grosso modo*, de Nordeste para Sudoeste. Num primeiro momento, corre num vale regular e pouco profundo. A partir de Gimonde, área de foz de alguns dos seus afluentes, assume um perfil mais sinuoso, descrevendo alguns meandros, coincidindo com a passagem pelos xistos e quartzitos silúricos do planalto da Lombada. O vale evidencia um perfil encaixado em “V”, sensivelmente até à área de confluência com a ribeira da Vilariça, a curta distância da foz, espreado-se por xistos cristalinos e pré-câmbricos, mais sinuoso e atormentado na travessia do afloramento de quartzitos silúricos que se estende de Lagoaça para oeste (Taborda, 1987:48). De uma forma geral, é de salientar a sua topografia bastante irregular, verificando-se diferenças altimétricas na ordem dos 800 metros entre a base e o topo do Vale do Sabor (Silva *et al.*, 1989). Junta-se com o Rio Côa, a Sul, o Sabor assume-se como um dos mais importantes e substanciais afluentes do Rio Douro.

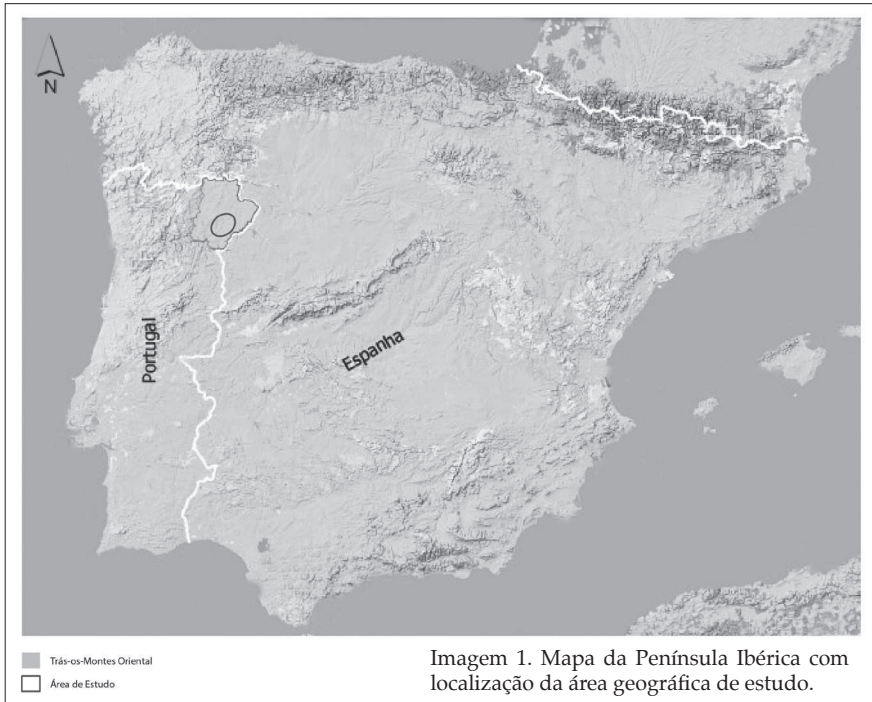


Imagem 1. Mapa da Península Ibérica com localização da área geográfica de estudo.

2. AS GRAVURAS FUSIFORMES: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS.

2.1. Técnica

Quando nos referimos a incisões “fusiformes”, estamos a fazer menção a gravuras efectuadas por abrasão, as quais se caracterizam por serem mais largas no meio, aguçando-se ou afunilando-se nas extremidades. De uma maneira geral a largura do traço é proporcional à profundidade do sulco; este, por sua vez, pode apresentar um perfil ou secção tanto em “V” como em “U”. A sua designação enquanto fusiformes resulta de uma analogia morfológica, para com os fusos, antigos instrumentos usados para fiar. Uma outra denominação é o de gravuras litotrípticas, da autoria de Santos Júnior, de quem, aliás, dispomos de umas das melhores descrições para estas grafias, “*formados por sulcos fusiformes, grossos no meio e aguçados nas pon-*

tas, mais fundos na parte média e subindo em rampa para as extremidades” (Santos Júnior, 1963:117). Outras denotações, mais populares ou tradicionais, são as de “*unhadas do diabo*” e ainda de “*polidores*” ou “*afiadores*”.

Esta variabilidade terminológica faz-se igualmente sentir noutras latitudes. Na Cerdanha (região situada nos Pirenéus Orientais, dividida entre a Espanha e a França) tais gravuras são conhecidas como “*naviformes*” (Campmajo, 2005); por outro lado, num recente trabalho de elaboração de um *Corpus de Arte Rupestre en Extremadura*, optam por uma designação mediante a técnica –traço inciso grosso– adoptando de seguida uma descrição dos motivos de ordem eminentemente morfológica (Collado Giraldo, 2007).

Assim, estamos perante um problema de um designativo que, se por vezes envereda por argumentos de or-



Imagem 2. Friso de fusiformes presente no EP 660.

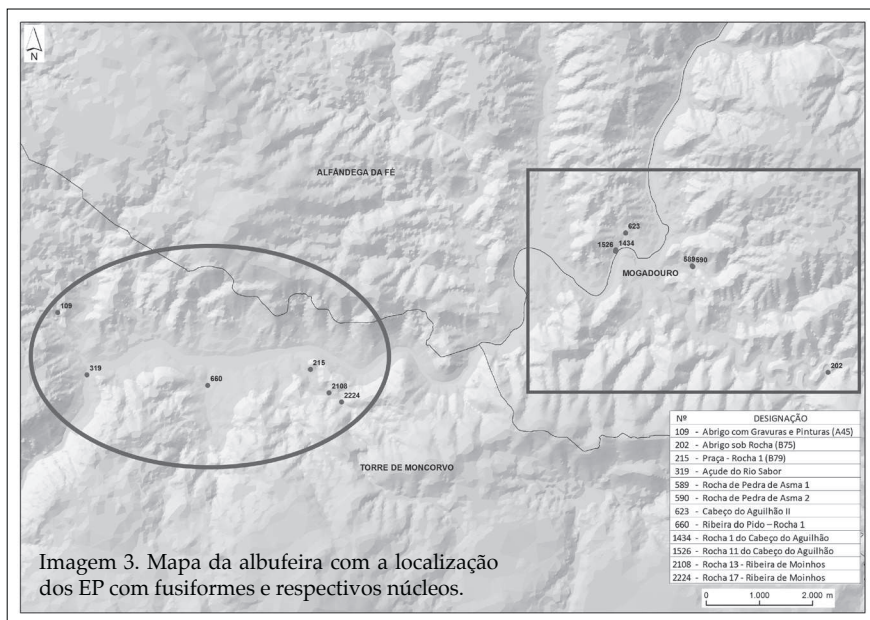
dem técnica, outras vezes alicerça-se em termos morfológicos ou ainda de índole tradicional ou popular. De facto, a singularidade destas gravuras acaba por justificar esta profusão de nomenclaturas. Disposta de forma isolada, a incisão fusiforme, independentemente da sua orientação, acaba por constituir apenas e só uma gravura linear e não necessariamente um motivo. Porém, diferentes associações entre incisões fusiformes, acabam por conformar distintas morfologias, como reticulados, escalariformes, asteriscos, ângulos, armas ou mesmo antropomorfos.

2.2. Motivos

A consideração de motivos reveste-se, por vezes, de alguma dificuldade, visto que se trata de uma construção bastante subjectiva, inerente à mente e à conceptualização do próprio investigador. Esta situação poderá ser ainda mais intrincada quando o objecto de estudo respeita às incisões fusiformes, isto é, simples grafias lineares. Neste apartado, preten-

demos assim, referir-nos às diferentes disposições ou associações que se estabelecem no Vale do Sabor entre incisões fusiformes.

De uma maneira geral, a iconografia não é particularmente rica, sendo que as incisões se encontram dispostas de forma isolada ou em conjunto nas mais variadas direcções ou orientações. Dessa forma, deparámo-nos com algumas associações entre fusiformes, desde logo entrecruzados, paralelas, em "X", perpendiculares, ângulos, em "V" e em "V" invertido, em cruz ou ainda setas. As concepções mais elaboradas acabam por corresponder aos frisos de incisões que encontramos no Elemento Patrimonial (EP) 660 (Figueiredo *et al.*, 2013a) ou no EP 2108, isto é, sucessões de fusiformes dispostas ao longo de um mesmo eixo e com comprimentos homogéneos (como se de um ordenamento de caracteres/letras se tratassem) ou ao geométrico segmentado no interior identificado no EP 215 (Figueiredo e Xavier, 2013a).



A disposição dos fusiformes é preferencialmente vertical ou diagonal marcando uma presença muito menor as de orientação horizontal.

Reiteramos assim uma certa pobreza no repertório iconográfico dos suportes rochosos com fusiformes do Sabor, relativamente a outros exemplares conhecidos, alguns dos quais em território nacional, como são os casos da Rocha de Ridevides (Santos Júnior, 1963; Abreu, 2007), Pedra Letreira de Góis (Nunes, Pereira e Barros, 1959), bem como o afloramento de Moleilinhos (Cunha, 1991), nos quais encontramos grafias mais elaboradas, tais como antropomorfos, armas, escalariformes, alfaias, utensílios agrícolas, entre outros.

3. OS SÍTIOS DO VALE DO SABOR

3.1- Distribuição

Os sítios com as ditas “unhadas do diabo” na área de afectação do AHBS estão, de uma maneira geral e salvaguardadas as excepções, entre os quais o EP

1434, o EP 623 e o EP 1526, relacionados com os cursos de água secundários do rio Sabor. Relativamente a aspectos de distribuição e ainda que não se tenha verificado, até ao momento, uma reflexão muito aturada a este respeito, podemos observar, através da Imagem 3, uma possível divisão em dois núcleos: um primeiro, mais a jusante, contando com o EP 109, EP 215, EP 319, EP 625, EP 660, EP 2108 e EP 2104, distribuídos entre as duas margens do Sabor e, um segundo, mais a montante, posicionados, à excepção do EP 202, nos afluentes da margem direita e compreendendo o EP 589, EP 590 EP 623, EP 623, EP 1434 e EP 1526. Como acima dissemos, este dois núcleos e os seus respectivos elementos patrimoniais, compreendem apenas aqueles suportes cujos fusiformes consistem na principal modalidade representada. Uma escala de análise mais alargada, que integrasse qualquer suporte que comportasse estas gravuras litotripticas, independentemente da sua representatividade, conduziria, se-

guramente, a um aumento significativo do campo de análise.

Gostaríamos ainda de realçar que, quanto à identificação de novas materialidades rupestres, o panorama está longe de se encontrar fechado, uma vez que as actividades de prospecção sistemática que tivemos o ensejo de efectuar, ficaram forçosamente circunscritas às cotas de enchimento de ambos os escalões do AHBS, cuja altitude máxima é de 234m. Dessa forma, novas prospecções empreendidas em locais de maior altimetria poderão conduzir a um enriquecimento do *corpus* detectado.

3.2- Suportes

Os suportes onde se detectaram “incisões fusiformes” podem, numa primeira instância, ser divididos numa elementar separação, entre móveis e fixos. Ainda que até ao momento não tenham sido referidas, estas gravuras figuram igualmente em superfícies móveis como placas ou blocos. Relativamente às placas, são conhecidos alguns exemplos na imensa colecção recuperada no sítio proto-histórico do Castelinho, EP 149. Também na necrópole do Laranjal, EP 148, adstrita ao período medieval, a placa 35, pertencente a uma das lajes de uma sepultura, revela uma interessante concentração de “unhadas do diabo”, não se excluindo a possibilidade de se tratar de um elemento reutilizado.

Relativamente aos blocos temos o exemplo do EP 319, um bloco granítico recolhido num moinho de água de carácter sazonal situado na margem direita do rio Sabor. Neste bloco foram identificados um total de nove covinhas, juntamente com dezasseis incisões fusiformes (Figueiredo, Neves e Xavier, 2011a). A análise dos negativos permitiu descortinar o emprego de instrumentos metálicos tipo escopro ou ponteiro, pelo que, neste caso particular, o melhor designativo para classificar os fusiformes,

será precisamente o de “afiadores”. É sabido que, de modo a produzirem da forma pretendida, as mós, quando ficavam demasiado polidas, tinham de ser picadas para voltarem a adquirir a capacidade de moagem. Podemos assim estar perante uma rocha onde se aafiava o instrumento que serviria depois para picar as mós (*idem, ibidem*).

Dirigindo agora a nossa atenção para os suportes fixos, assistimos a uma quase equiparação entre abrigos e afloramentos ao ar livre, compreendendo os primeiros 42% do total, com os segundos a rondarem os 50%, os quais podem ainda ser de disposição vertical ou horizontal. Relativamente a estes últimos e no âmbito do estudo praticado no AHBS, temos a assinalar apenas um exemplar, nomeadamente o EP 215, distinto dos seus congéneres verticais, em aspectos como a situação topográfica, dimensão e composição dos fusiformes, bem como no que à rocha suporte respeita, tratando-se de um xisto de coloração mais escura e de maior dureza, quando comparado com o presente nos abrigos e afloramentos.

Ainda relativamente a afloramentos gravados, podemos observar uma grande similitude entre o EP 660 e o EP 2108, grandes paredões verticais situados junto ao leito de ribeiras secundárias, ambos detentores de mais de trinta superfícies gravadas (algumas das quais a mais de dois metros de altura) e onde os frisos de fusiformes são a principal característica quanto ao reportório gravado. Por outro lado, nos abrigos, verificamos também uma enorme similitude entre o EP 109 (Figueiredo *et al.*, 2011a) e o EP 202, ao qual se poderá eventualmente acrescentar o EP 589 (Figueiredo *et al.*, 2011b). Os pontos de contacto respeitam, desde logo às suas localizações em zonas intrincadas e sinuosas das respectivas ribeiras, e onde as incisões fusiformes, compartilham as

áreas graváveis (à excepção do EP 589) com restos de pintura monocromática.

3.3- Os Fusiformes e as Outras Técnicas

Nas rochas que temos vindo a referir a incisão fusiforme assume-se como a técnica dominante. Esta, por vezes, é omnipresente, como são os casos do EP 589 e EP 590 (Figueiredo, Neves e Xavier, 2011b), porém, noutros casos, como os já citados EP 109 e EP 202, partilha o reportório iconográfico com a pintura monocromática. Outra coabitação igualmente comum são os fusiformes com picotados. Estes podem surgir isolados, como nas próprias incisões ou “invadindo” o próprio sulco, como constituem excelentes exemplos o EP 660 e o EP 2108. Também o bloco correspondente ao EP 319, comporta, como vimos, nove covinhas resultantes da aplicação da técnica de picotagem.

Um dos casos mais singulares diz respeito às associações verificadas com incisões filiformes, tanto no caso destas conformarem outros motivos ou grafias, como quando se encontram a ladear os fusiformes. Na primeira das situações mencionada, temos o interessante caso do EP 660, cujos fusiformes se localizam, *grosso modo*, nos painéis de maior notoriedade relegando os filiformes, para superfícies mais recônditas e de mais intrincada identificação.

Na segunda das situações mencionadas, os filiformes poderão ser entendidos enquanto estrias de execução, isto é, resultando directamente da realização dos fusiformes -consequência directa do movimento repetido da técnica abrasiva-, num processo que seria, mais ou menos, involuntário. Noutra perspectiva, estes traços muito finos podem, ao invés de acidentais, serem plenos de intencionalidade, procurando conferir maior destaque ou significado às incisões fusiformes que as apresentassem. Entre outros, o EP 2108,

assim como o EP 1434 (Figueiredo e Domínguez García, 2013) são pródigos nestas manifestações, as quais estão perfeitamente ausentes, por exemplo, no EP 109 e EP 589. Não descartamos ainda a possibilidade de tais incisões finas estarem relacionadas com o tipo de xisto, evidenciando-se mais perante um suporte mais duro e menos friável. Contudo a ausência de um estudo litológico e petrográfico não permite, para já, a validação de tais suposições.

Igualmente presentes são as associações com incisões ténues, típicas das imagens rupestres da história recente do Vale do Sabor, particularmente do período moderno e contemporâneo. Caracterizam-se pelo seu carácter superficial, ausência de sulco e profundidade no traço, conformando uma técnica de gravação pouco intrusiva. Neste contexto, é de particular relevância o EP 625 (Figueiredo, Neves e Xavier, 2012), no qual os fusiformes se posicionam na base do afloramento, ficando a área intermédia e superior “destinada” às marcas recentes, postulando momentos cronológicos distintos e, de certo modo, “respeito” e deferência pelas gravações mais ancestrais.

3.4- Sondagens Arqueológicas

No domínio dos estudos de Arte Rupestre desenvolvidos no AHBS, além de todo um leque de registos incidindo sobre as manifestações gravadas, foram ainda levadas a cabo, sempre que julgado pertinente e/ou viável, um conjunto de sondagens diagnóstico em determinados elementos patrimoniais. O estado do conhecimento algo difuso e nebuloso no que aos fusiformes concerne e a eventualidade de o mesmo vir a conhecer alguma clarificação, conduziu a que três rochas/abrigos onde estas grafias assumem particular destaque fossem intervencionados: EP 202, EP 589 e EP 660.



Imagem 4. Trabalhos de escavação no EP 660.

A este respeito, devemos recordar a execução de uma sondagem no abrigo 5 das Fragas do Diabo (conjunto de seis abrigos cuja principal iconografia registada são unhas do diabo), situadas em Mogadouro, Trás-os-Montes, (Lemos e Marcos; 1984). Aqui, adicionado a alguns termoclastos e duas manchas de terra –ao que tudo indica vestígios de uma antiga lareira–, foram recolhidos dois fragmentos de quartzo, possivelmente talhados, e outros dois de cerâmica, aparentemente de fabrico manual, embora o seu reduzidíssimo tamanho não tenha permitido esclarecer esta última questão. Com bastantes reservas foi avançada uma cronologia adentro da Proto-História, num estágio indefinido da Idade do Bronze (idem, ibidem).

As sondagens por nós realizadas não proporcionaram a identificação de quaisquer níveis estratigráficos preser-

vados, saindo goradas as expectativas de se estabelecer um contexto de realização/gravação das gravuras fusiformes. No EP 589, na U.E. [205], foram recuperadas duas placas nas quais se observam a presença de algumas linhas. Porém, o carácter dúbio destes traços não permitiu chegar a uma conclusão segura de que se tratariam de gravações antrópicas intencionais ou de estrias de corte (Figueiredo *et al.*, 2011b). Por sua vez, no EP 660, foram recolhidos sete peças líticas, dois fragmentos de cerâmica manual, novamente em unidades estratigráficas perturbadas, impedindo qualquer relação com o reportório artístico do afloramento (Figueiredo *et al.*, 2013).

Ainda que outras explicações tenham sido formuladas, estamos convencidos de que a proximidade das rochas acima mencionadas para com os cursos de água a que se encontram subjacentes –facto que as torna bastante susceptíveis a leitos de cheia e, conseqüentemente, a que pelo menos parte do seu enchimento seja lavado e arrastado pela própria corrente–, constitua o argumento mais válido para a inexistência de níveis conservados e para a sóbria recuperação de espólio arqueológico (Figueiredo *et al.*, 2011b). Noutra esfera de ideias, tal cenário “desolador” poderia estar relacionado com a própria funcionalidade/simbologia do local, tratando-se estes sítios de meros locais de passagem e não propriamente de ocupação, onde teriam lugar actos de gravar pedra, imbuídos ou não de alguma implicância simbólica ou ritual, mas onde a permanência seria, em regra, exígua, e assim pouco propícia à acumulação e deposição de evidências.

4. ALGUNS PARALELOS IBÉRICOS

Uma lista exaustiva dos possíveis paralelos ibéricos para as manifestações

identificadas no Vale do Sabor não tem lugar na exiguidade e no alcance deste artigo. Assim, esta exposição tem de ser necessariamente curta, relegando para o futuro um rol mais detalhado em ulteriores desenvolvimentos deste trabalho.

No território português é sobretudo nas regiões de Trás-os-Montes e Beira Alta que nos deparamos com suportes com fusiforme. Relativamente a esta última podemos referenciar a Pedra Letreira de Góis (Nunes, Pereira e Barros, 1959) e Molelinhos (Cunha, 1991), que consubstanciam as referências mais antigas às quais se vieram a adicionar, mais recentemente, a Fraga Marcada (Figueiredo e Figueiredo, 2008), a Pedra das Letras (Henriques e Caninas, 2009) e ainda as gravuras rupestres de Cabris (2008). É, contudo, em Trás-os-Montes que estas incisões conhecem uma maior expressão, desde logo através dos Abrigos das Aguçadeiras (Sanchez, 1992), os abrigos de Vale de Espinheiros (*idem, ibidem*), Vale de Palheiros (*idem, ibidem*) ou os já mencionados Abrigos das Fragas do Diabo (Lemos e Marcos, 1994; Sanchez, 1992), a Rocha do Prado da Rodela (*idem, ibidem*), bem como o famigerado Abrigo da Solhapa, em Miranda do Douro, com uma grande variedade de motivos, desde incisões fusiformes, a covinhas, halteriformes e zoomorfos (Mourinho, 1972). Mais recentemente foi identificado o denominado Abrigo da Foz do Tua (Teixeira, Valdez e Sanchez, 2010), combinando fusiformes com pintura esquemática.

Na vizinha Espanha, não são igualmente raros os sítios com fusiformes. Além daqueles que já tivemos a oportunidade de mencionar acima, não podemos deixar de referir os dois complexos rupestres de la Zepa de la Serena e da Comarca de las Hurdes (Collado e García Coords. 2007; Sevillano e Bécares 1997, 1998), bem como o monumental

conjunto de abrigos de Pena Cabrera, em Casabermeja, Málaga, local onde as incisões fusiformes se associam a todo um enorme leque de motivos adscritos à pintura esquemática (Medina Lara e Barroso Ruíz, 1982). Um dos casos mais singulares prende-se com o abrigo de La Viña (Astúrias), onde nas suas paredes exteriores foram detectadas “incisões profundas geralmente verticais” e que parecem remontar ao Aurinhacense (Forteza, 1994), visto que algumas das incisões se encontravam cobertas por estratos arqueológicos, pertencente ao Solutrense Antigo (*idem, ibidem*).

O limitado alcance deste artigo não permite o desenvolvimento de uma reflexão a propósito de cronologias. Contudo, não podemos deixar de realçar que, relativamente à cronologia, estes motivos, conferem alguns problemas no momento de enquadrar este tipo de manifestações numa fase temporal concreta. Ainda que para a generalidade dos autores, a gravação deste tipo de motivos se encontre atribuída num grande intervalo de tempo representado pela Pré-História Recente, à volta do III milénio a. C, entre o Calcolítico e a Idade do Ferro, a verdade, porém, é que os motivos fusiformes aparecem em outros contextos muito diferentes que fazem recuar as cronologias até períodos muito antigos do Paleolítico Superior. Assim sendo, o mais provável é estarmos perante manifestações transversais no tempo, presentes desde a Pré-História até à actualidade, à semelhança aliás, das covinhas.

5. BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado que o trabalho da equipa de Arte Rupestre, no âmbito do AHBS se encontra ainda em desenvolvimento, neste momento, são mais as dúvidas e as questões que se colocam do que pro-



Imagem 5. Perspectiva do EP 2108.

priamente dados conclusivos, no que às gravuras fusiformes respeita.

Dessa forma, o remate possível deste artigo passa, sobretudo, pela indicação de algumas vias de investigação que pretendemos seguir e desenvolver futuramente. Desde logo pretendemos aprofundar as eventuais diferenças/semelhanças entre abrigos e afloramentos e, no seio destes, entre os de disposição vertical e horizontal. Nesta fase, estamos convencidos que respondem a propósitos distintos, ainda que não necessariamente cronológicos. No mesmo sentido, urge investigar a relação de tão singulares “monumentos” rupestres com as ribeiras secundárias do Sabor, bem como a circunstância insólita de, no caso do EP 2108, encontrarmos superfícies gravadas localizadas a quase três metros de altura relativamente ao nível do solo.

Relativamente a aspectos cronológicos e ainda que este texto não se tenha centrado sobre este aspecto, parece-nos que se encontra bem definida a enorme

transversalidade e diacronia apenas a estas representações, pelo que, ao invés de poder ser encarado como “fóssil director” de qualquer período específico, a cronologia dos fusiformes tem de ser encarada e decodificada, atendendo ao contexto (geográfico, paisagístico, estilístico e, claro está, arqueológico) em que se encontram inseridos.

Gorados que foram os nossos esforços para constituir um quadro cronocultural de gravação para os fusiformes, recordando os escassos resultados das sondagens, as questões de índole interpretativa terão de passar, forçosamente, pela tentativa de estabelecimento de algumas relações contextuais. Salvaguardadas algumas exceções, como o EP 319, inserido, sem grandes dúvidas, num período contemporâneo, defendemos, não sem algumas reservas, que a maioria dos EP do Vale do Sabor, poderão ser enquadrados na Proto-História, sobretudo a tríade consubstanciada no EP 215, EP 660 e EP 2108.

A proximidade física detida para com o EP 149 ‘Castelinho’, sítio fortificado da Idade do Ferro, e as particulares relações visuais para com este existentes a partir do EP 215 (como se um posto de vigia se tratasse), constituem bons indícios para a inclusão dos fusiformes naquele período. Por outro lado, o reportório iconográfico destas três rochas, não é susceptível de grandes conjecturas que suportem esta hipótese, ainda que no EP 2108 e no EP 660, algumas incisões se conjurem formando setas, ficando a dúvida se estas admitem uma leitura cinegética (enquanto armas) ou apenas morfológico e descritivo. No mesmo sentido, os frisos de fusiformes presentes em cada um dos exemplos citados, são equiparáveis a alguns exemplares detectados na Cerdanha, cujos mais antigos são atribuíveis à 2ª Idade do Ferro e dos quais se proclama uma associação com a escrita ibérica (Camp-majo, 2005; Campmajo e Crabol, 2009).

Relação idêntica sucede entre o EP 1434 e o EP 1652 ‘Povoado da Quinta de Crestelos’ (aos quais se poderá, porventura, acrescentar o EP 623 e o EP 1526), igualmente atribuível à Idade do Ferro e de contornos semelhantes do Castelinho, sendo que, uma vez mais, o contexto, para os suportes gravados, é fornecido por um sítio fortificado situado na margem oposta do Rio Sabor. Com efeito, no interior do dito povoado, foram despistados dois afloramentos os quais comportam incisões fusiformes, nomeadamente o EP 1664 e EP 2376.

A fechar gostaríamos de reforçar a necessidade de se obterem contextos arqueológicos fiáveis destas materialidades através da execução de sondagens e escavações, preferencialmente, em abrigos/afloramentos a cotas mais elevadas e mais afastados de cursos de água, minorando os possíveis efeitos destes agentes naturais de transporte e erosão de sedimentos.

AGRADECIMENTOS

Os autores gostariam de agradecer a EDP, entidade promotora do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor, a Baixo Sabor ACE - Odebrecht, Bento Pedroso construções S.A. e Lena construções, consórcio construtor, ao geógrafo João Monteiro pela elaboração da cartografia e ao fotógrafo Adriano Borges pela cedência das fotografias.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M.S. (2007). A Pedra Ridevides e outras maravilhas. Vale da Vilarça, Portugal. Departamento de Geologia, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- ALENÇOÃO, A. M., REIS, A. R., BAPTISTA, J. C. E OLIVEIRA, A. S. (2005). Roteiro III, in M. Elisa Gomes e Ana Maria P. Alençao (coord.), Património Geológico Transfronteiriço da Região do Douro: Roteiros, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, pp. 45-56.
- CAMPMAJO, P. (2005). Les Roches Gravées d'époque Ibère sont-elles des marqueurs de territoire? Le cas de la Cerdagne, Acta Palaeohispanica IX, Palaeohispanica 5, pp. 195-234.
- CAMPMAJÓ P.; CRABOL D. (1988): Le rocher aux gravures naviformes de Latour de Carol 1, essai d'interprétation et approche chronologique, in 7e Colloqui Internacional d'Arqueologia de Puigcerdà, Institut d'Estudis Ceretans, Puigcerdà, 6 au 8 juin 1986, pp. 227-239.
- COLLADO GIRALDO (COORD.) (2007). Corpus de Arte Rupestre en Extremadura. Arte Rupestre en La Zepe de la Serena, Vol.2, Junta de Extremadura, Consejería de Cultura y Turismo, Dirección General de Patrimonio Cultural.
- CUNHA, A. L. DA (1991). Estação de arte rupestre de Molelinhos: Notícia preliminar. Actas das IV Jornadas Arqueológicas: 17, 18 e 19 de Maio de 1990. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 253-265.
- FIGUEIREDO, S. S. E FIGUEIREDO, M. V. S. (2008). Novos contributos para o estudo

- da arte rupestre na bacia do Baixo Paiva. Actas das Sessões do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. Porto. 1, pp.151-167.
- FIGUEIREDO, S. S., NEVES, D. E XAVIER, P. (2011a), EP 319 'Açude do Rio Sabor', Levantamento de Arte Rupestre, Relatório Final, AHBS/RPSP.229.00.
- FIGUEIREDO, S. S., NEVES, D. E XAVIER, P. (2011b), EP 590 'Rocha de Pedra de Asma 2', Levantamento de Arte Rupestre, Relatório Final, AHBS/RPSP.229.00.
- FIGUEIREDO, S. S., NEVES, D., XAVIER, P. E COELHO, S. (2011a), EP 109- Abrigo com Gravuras e Pinturas (A45), Relatório, Levantamento de Arte Rupestre, Relatório Final, AHBS/RPSP.227.00.
- FIGUEIREDO, S. S., DONOSO ZAPATA, M. G., MAY, A. E XAVIER, P. (2011b), EP 589 – Rocha de Pedra de Asma 1, Relatório Final, Sondagem de Diagnóstico e Levantamento de Arte Rupestre e, Relatório Final, AHBS/RPSP.648.00.
- FIGUEIREDO, S. S., NEVES, D. E XAVIER, P. (2012), EP 625 'Ribeira dos Moinhos – Rocha 4', Levantamento de Arte Rupestre, Relatório Final, AHBS/RPSP.229.00.
- FIGUEIREDO, S. S., E XAVIER, P. (2013a), EP 215 'Praça – Rocha 1 (B79)', Levantamento de Arte Rupestre, Relatório Final, AHBS/RPSP.229.00.
- FIGUEIREDO, S. S., E DOMÍNGUEZ GARCÍA, I. (2013), EP 1434 'Rocha 1 do Cabeço do Aguilhão', Levantamento de Arte Rupestre, Relatório Final, AHBS/RPSP.229.00.
- FIGUEIREDO, S. S., GASPAS, R., DONOSO ZAPATA, M. G. E XAVIER, P. (2013), EP 660 – Ribeira do Pido Rocha 1, Relatório Final, Sondagem de Diagnóstico e Levantamento de Arte Rupestre e, Relatório Final, AHBS/RPSP.648.00.
- FORTEA PÉREZ, F.J. (1994). "Los "Santuários" Exteriores en el Paleolítico Cantábrico", *Complutum*, 5, pp.203-220.
- LEMOS, F. S., MARCOS, D. (1984), As gravuras rupestres das Fragas do Diabo (Mogadouro), *Cadernos de Arqueologia, Série II*, 1, pp.137-141.
- HENRIQUES, F. E CANINAS, J. C. (2009), Pedra das Letras: uma rocha com grafismos lineares (Proença-a-Nova), *AÇAFA: On line*, 2, pp. 2-18.
- MEDINA LARA, F.; BARROSO RUIZ, C. (1982). Avance al estudio de las pinturas esquemáticas de las Peñas de Cabrera. *Casabermeja, Málaga.*, 269.
- MOURINHO, A. M. (1972). O abrigo rupestre da Solhapa em Duas Igrejas – Miranda do Douro, *O Arqueólogo Português, Série IV*, Lisboa, pp. 33-62.
- NUNES, J. DE C.; PEREIRA, A. N.; BARROS, A. M. (1959), A Pedra Letreira. *Góis: Publicações do Museu da Câmara Municipal de Góis.*
- SANCHES, M. J.; (1992), Pré-história Recente no Planalto Mirandês, *Monografias Arqueológicas*, 3, GEAP, Porto.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1963), "As gravuras liptotrípticas de Ridevides (Vilarça)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia, SPAE*, 19:2, Porto, pp. 111-144.
- SEVILLANO SAN JOSÉ, M.C. E BÉCARES PÉREZ, J. (1997): "Grabados rupestres de la Comarca de las Hurdes", *Jornadas sobre Arte Rupestre en Extremadura, Extremadura Arqueológica VII*, Cáceres – Mérida, pp. 75-94.
- SEVILLANO SAN JOSÉ, M.C. E BÉCARES PÉREZ, J. (1998): "Grabados rupestres de la Huerta (Caminomorisco, Cáceres)", *Zephyrus*, 51, pp. 289-302.
- SILVA, A. F., REBELO, J. A., RIBEIRO, M. L. (1989) *Notícia explicativa da Folha 11C – Torre de Moncorvo, Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa. ZILHÃO, J. (1997). *O Paleolítico superior na Estremadura Portuguesa – 2 vols.* Ed. Colibri, Lisboa.
- TABORDA, V. (1987), *Alto Trás-os-Montes: Estudo Geográfico. Coleção Espaço e Sociedade*, 6, direcção Jorge Gaspar, Livros Horizonte, Lisboa [2ª edição].
- TEIXEIRA, J. C., VALDEZ, J. E SANCHES, M. J. (2010), O abrigo da foz do rio Tua – Alijó (Trás-os-Montes, Portugal): Identificação e estudo preliminar (Poster). *I Mesa Redonda: Artes Rupestres da Pré-história e da Proto-história*, Museu do Côa, Vila Nova de Foz Côa – Portugal, 26 a 28 de Novembro de 2010, *CEAUCP, DCTP, IGESPAR.IP.*